

DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>



PINHO, José Wanderley (Santo Amaro, Bahia 1890 – Rio de Janeiro, 1967)

Historiador brasileiro, nascido em 19 de março de 1890, em Santo Amaro, estado da Bahia e falecido na cidade do Rio de Janeiro, em 07 de outubro de 1967. Descendente de tradicional família do Recôncavo, filho do Dr. José Ferreira de Araújo Pinho, deputado na Assembléia Geral do Império e depois governador da Bahia no regime republicano. Pelo lado materno, era neto de João Mauricio Wanderley, barão de Cotegipe (1815-1889), estadista do Segundo Reinado.

Bacharel em Ciências Jurídicas de Sociais pela Faculdade de Direito da Bahia, exerceu a advocacia e ocupou diversos cargos na magistratura. Ingressou na política, cumpriu mandato de deputado federal em sucessivas legislaturas (1924-1930) e assumiu as funções de prefeito da cidade de Salvador, durante o governo de Otávio Mangabeira (1947-1951). Idealizou e organizou as celebrações do IV centenário de fundação da capital baiana, em 1949, cujo ponto culminante foi o “Cortejo Histórico dos Quatro Séculos”, evento bastante similar ao “Cortejo do Mundo Português”, realizado alguns anos antes, no âmbito das Comemorações Centenárias de Portugal (1940). Nas festividades de Salvador, como aliás em toda a sua obra, transparece a sua percepção positiva da colonização portuguesa, ao contrário de outros estudiosos da época que condenavam a matriz sócio-cultural lusitana, na formação da identidade brasileira. Cabe assinalar, ainda, que Wanderley Pinho colaborou na coleção editada pela Agência Geral das Colônias, em 1940, comemorativa do duplo centenário da fundação e restauração de Portugal, com a biografia *D. Marcos Teixeira, quinto bispo do Brasil*. Paralelo às atividades políticas, dedicou-se à pesquisa histórica e ao magistério superior. Foi professor catedrático de História do Brasil na Universidade Federal da Bahia, pertenceu aos quadros do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia e da Academia de Letras da Bahia.

O legado historiográfico de Wanderley Pinho privilegia, sobretudo, vultos e questões relativas à Bahia e algumas das temáticas que explora se confundem com a história de sua própria família. Tal como outros historiadores de sua geração, Wanderley não tece grandes reflexões sobre a natureza do conhecimento histórico, embora a entendesse como uma ciência, cujas premissas caberia ao historiador comprovar empiricamente. Suas preferências de investigação transitam entre o campo da história política e o da



DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

história social. No primeiro predominam monografias, estudos documentais e biográficos, nos quais se combinam erudição e elegância literária, como, por exemplo, entre outros títulos, *Cotegipe e seu tempo. Primeira Fase* (1815-1867), obra prevista para ter continuidade e constituir uma alentada biografia de seu avô, mas que lamentavelmente permaneceu incompleta. Além disso, foi responsável pela grande síntese histórica sobre a Bahia, entre 1808 e 1856, que integra o tomo *O Brasil Monárquico*, da coleção *História Geral da Civilização Brasileira*, dirigida por Sérgio Buarque de Holanda.

Também voltados para o panorama político oitocentista, há que se destacar os trabalhos de transcrição e anotação das cartas do Imperador D. Pedro II endereçadas ao Barão de Cotegipe (1933), e da correspondência ativa do conselheiro Francisco Otaviano de Almeida Rosa (1825-1889). Esta última tarefa ficaria inacabada devido ao seu falecimento, sendo concluída graças ao empenho de Enéas Martins Filho e depois de Alphonsus de Guimaraens Filho, que assumiu o encargo de estabelecer o texto das cartas para publicação (1977). A incursão no campo da história social se inicia, precocemente, em 1918, com a instigante monografia “Costumes monásticos na Bahia – freiras e recolhidas”, livro hoje em dia percebido como clássico. Por ocasião do seu lançamento, porém, o tema abordado surpreendeu o público leitor, pela revelação de costumes e práticas sociais mundanas nos conventos da Lapa e no Desterro na Bahia do século XVIII, aspectos até então desconhecidos da vida nos claustros, assuntos que atualmente caberiam em uma obra de história cultural.

O mesmo tratamento inovador caracteriza a publicação “Damas e salões do Segundo Reinado” (1942). Fruto de alentada pesquisa, empreendida em fontes diversificadas, o foco desta vez incide sobre os salões – espaços de convívio por excelência das elites imperiais - onde a burguesia brasileira costumava reunir-se para conversar, ouvir música e dançar. Da arte de bem receber à decoração requintada, do ambiente de cordialidade entre políticos rivais até as últimas invenções da moda, passando pela descrição de festas, jogos e saraus, Wanderley oferece um saboroso inventário das práticas de sociabilidade, dos costumes e dos valores da chamada “boa sociedade”. Para além disso, ele joga luz sobre o papel de primeira grandeza desempenhado pelo sexo feminino naqueles espaços, objeto de investigação bem pouco contemplado pela historiografia coetânea. Neste sentido, o historiador baiano se antecipa, por assim dizer, ao que hoje em dia se entende por estudos de relações de gênero.

Wanderley Pinto expandiria ainda mais os horizontes de pesquisa, com a sua *História de um engenho do recôncavo 1552-1944* (1946), cuja versão original foi premiada em 1º lugar, em concurso patrocinado pelo Instituto do Açúcar e do Alcool. Trata-se de trabalho de fôlego, em que Wanderley se debruça sobre a trajetória do Engenho da Freguesia (também conhecido por Matoim ou Novo Caboto), de propriedade de sua família e um dos mais importantes do Recôncavo baiano no período colonial, hoje transformado em Museu do Recôncavo Wanderley Pinho. Para tanto, serviu-se dos relatos de antigos cronistas, de velhos códices e de testemunhos compulsados nos arquivos cartoriais brasileiros e portugueses. O exaustivo



DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

estudo busca apreender a vida do engenho na sua totalidade, tal a multiplicidade dos aspectos examinados pelo autor: a ação dos jesuítas, a distribuição de sesmarias, a Inquisição, os ataques de piratas, a ocupação holandesa, o trabalho escravo, o cotidiano da casa grande e a evolução da produção de açúcar ao longo da Colônia, do Império e da República. Enriquecida por farto material iconográfico, a contribuição é reconhecida pela densidade documental e pela clareza da exposição como uma das melhores análises do complexo econômico do Brasil agrário, escravocrata e mercantilista.

Nos domínios da história política, a bibliografia deixada por Wanderley Pinho alcançou impacto moderado em relação à produção historiográfica sobre o Segundo Reinado, apesar da erudição dos seus textos. Já no âmbito da história social do Brasil sua obra é considerada pioneira. Seus trabalhos inspiram novos historiadores, sociólogos, geógrafos, etnógrafos e antropólogos, constituindo referência obrigatória para aqueles que se dedicam aos estudos de história regional e de relações de gênero.

Bibliografia activa: “Costumes monásticos na Bahia – freiras e recolhidas”. *Revista do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia*, ano XXV, nº 44, 1918, pp. 123-138. *Política e políticos do Império*, Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1930. *A Sabinada*, Salvador: 1930; *Cartas do Imperador D. Pedro II ao barão de Cotegipe*. São Paulo: 1933 (Coleção Brasileira, vol. 12); *Cotegipe e seu tempo. Primeira Fase (1815-1867)*, São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1937 (Coleção Brasileira, vol. 85); *Caxias Senador*, Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1938 (separata da *Revista Militar Brasileira*, n. 3, vol. XXXV, de 25 de Agosto de 1936); *D. Marcos Teixeira Quinto Bispo do Brasil*. Lisboa: Agência Geral das Colônias, 1940; *Testamento de Mem de Sá*, Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1941; *Salões e damas do Segundo Reinado*, São Paulo: Livraria Martins Editora, 1942 (5 edições); *História de um engenho do recôncavo 1552-1944*. Rio de Janeiro: Zélio Valverde, 1946; São Paulo: Companhia Editora Nacional; Brasília Instituto Nacional do Livro, 1982 (Coleção Brasileira, vol. 374). *A abertura dos portos na Bahia*. Salvador: Editora da Universidade Federal da Bahia, 1961. “A Bahia: 1808-1856” (in *História Geral da Civilização Brasileira*, dirigida por Sérgio Buarque de Holanda. Tomo II - *O Brasil monárquico*, 2º. Volume Dispersão e Unidade. 1ª. edição São Paulo: DIFEL, pp. 242-311, 1960); *História Social do Salvador*, Salvador (BA): Prefeitura Municipal do Salvador, 1968 (obra póstuma); *Cartas de Francisco Otaviano* (coligidas, anotadas e prefaciadas), Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977 (publicação póstuma).

Bibliografia passiva: AZEVEDO, Thales. Wanderley Pinho, aos dez anos de falecimento. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. 320: 392-394, jul./set. 1978; BARATA, Mário. José Wanderley Pinho. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, 328: 201-203, jul./set. 1980; IHGB. José Wanderley de Araújo Pinho. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. 278: 171-180, jan./mar.1968; TAVARES, Luís Henrique Dias. “Discurso de posse”. *Revista da Academia de Letras da*



DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

Bahia. volume XXII: 49-52, 1972; VIANA, Filho, Luiz. Centenário de Wanderley Pinho. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, 151 (368): 352-363, jul./set. 1990; VIEIRA, Ana Amélia. O mestre, o historiador, o fidalgo Wanderley Pinho. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. 320: 381-391, jul./set. 1978.

Lucia Paschoal Guimarães



APOIOS:

FCT
Fundação para a Ciência e a Tecnologia

BNP BIBLIOTECA
NACIONAL
DE PORTUGAL

FUNDAÇÃO
LUSO-AMERICANA